

Corpos em poesia: Transbordando afetos e desordenando narrativas a/r/tográficas

Poetic Bodies: Overflowing with Affection and Disordering Artographic Narratives

Luciana Borre¹

Resumo:

Sete corpos em poesia transbordaram afetos, discutiram formas de poder, transitaram por movimentos sociais minoritários e desvelaram alguns marcadores sociais da diferença durante a pesquisa narrativa a/r/tográfica “Tramas na formação de professoras/es para questões de gênero e sexualidades”, desenvolvida no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco. A produção, execução e montagem da exposição coletiva Tramações, ocorrida na Galeria Capibaribe/Recife, em 25 de maio a 22 de junho de 2016, é um recorte deste estudo que emaranhou práticas pedagógicas, produção poética e investigação nos campos da educação da cultura visual, gênero e sexualidades.

Palavras-Chave:

Cultura Visual; A/r/tografia; Gênero e Sexualidades

Abstract:

Seven poetic bodies overflowed with affection, discussed forms of power, moved through minority social movements and unveiled some social markers of difference during the a/r/tographic narrative research “Teacher training for gender and sexualities issues”, developed in the Bachelor’s Degree program in Visual Arts of the Federal University of Pernambuco. The production, execution and assembly of the collective exhibition called “Tramações”, held at Galeria Capibaribe/Brasil, from May 25 to June 22, 2016, is a cut from this study that articulated pedagogical practices, poetic production and research in the fields of Visual Culture Education, Gender and Sexualities.

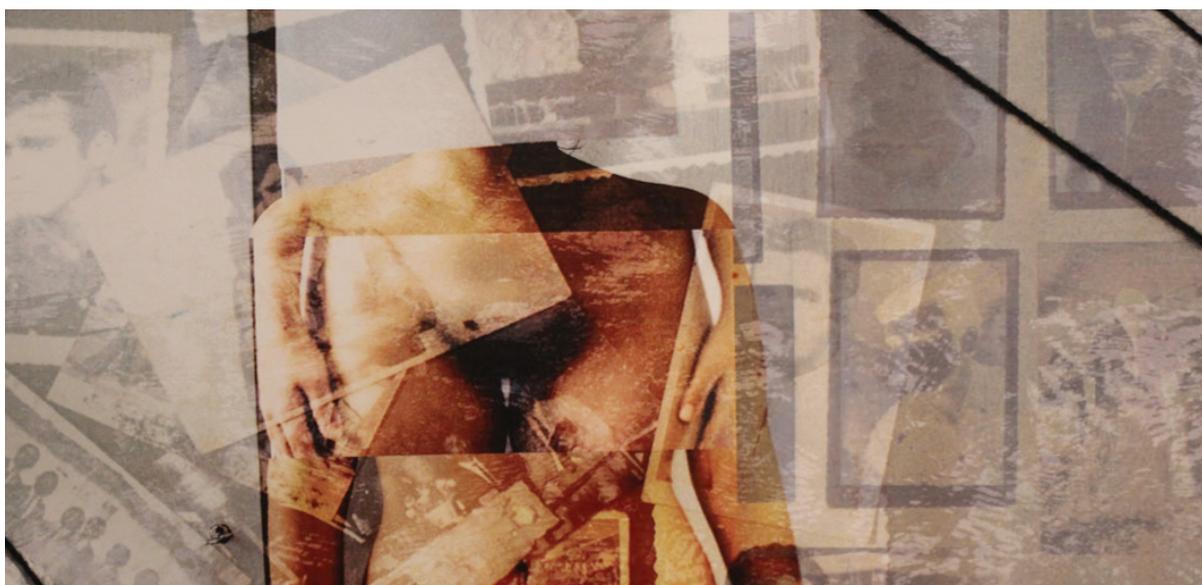
Keywords:

Visual Culture; A/r/tography; Gender and Sexualities

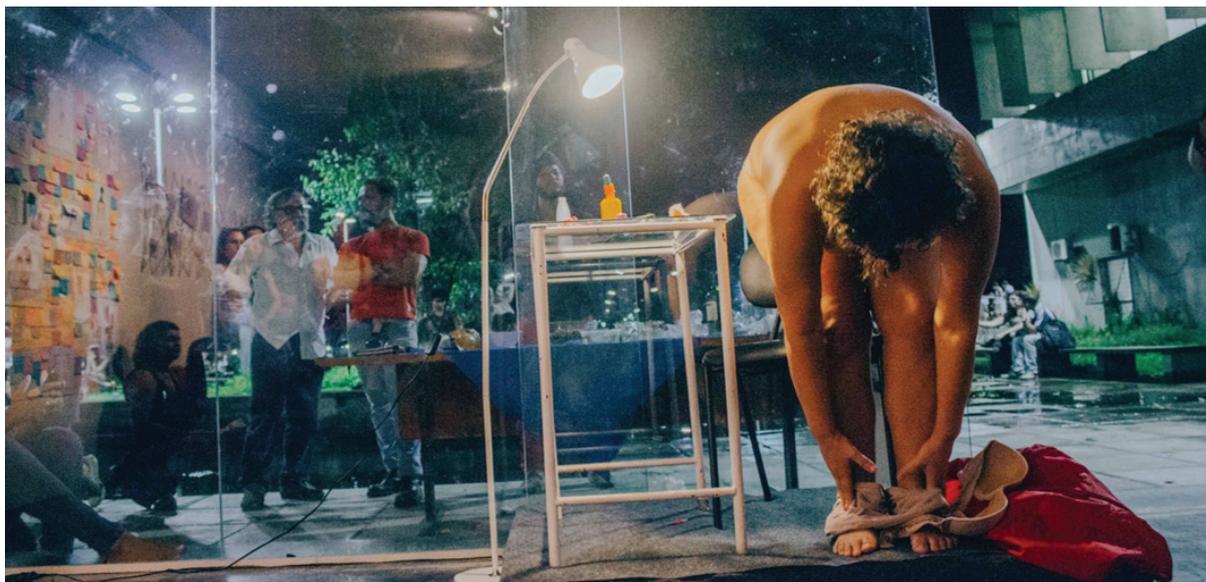
1 Universidade Federal de Pernambuco - lucianaborre@yahoo.com.br



Figuras 1, 2 e 3 . “Corte com/tensão”, 2015, vídeo instalação



Figuras 4, 5 e 6. Karla Gonçalves.



Figuras 7, 8 e 9. Bárbara Collier. “Vestido vermelho”, 2016, performance.



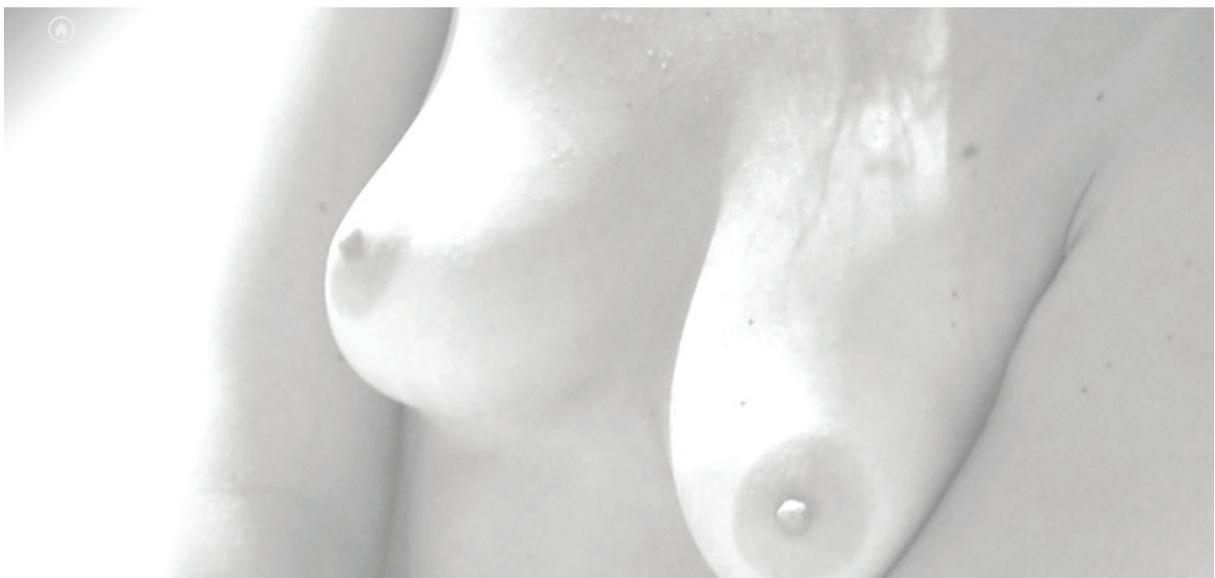
Figuras 10, 11, 12, Joanna Pontes "Pelo toque", 2016, performance



Figuras 13 e, 14 e 15. Joanna Pontes "Pelo toque", 2016, performance

PRATICAR ATO OBSCENO EM LUGAR PÚBLICO

PENA: DETENÇÃO, DE TRÊS MESES A UM ANO, OU MULTA



Figuras , 16 17 e ,18 . XavanaCelesnah. “ Ato obsceno”, 2016, vídeo performance



Figuras 19 , 20. 21 Luana Andrade. “Pequenas agressões”, 2016, vídeo performance

Pistas autobiográficas de corpos que ensinam. Vestígios de intimidades reinventadas e criação de poéticas que cortam com/tensão algumas invisibilidades. Esses foram os principais elementos dos processos criativos de sete artistas/professoras/pesquisadoras durante o primeiro semestre de 2016.

Engajadas em práticas pedagógicas, investigativas e artísticas articulamos narrativas autobiográficas durante as aulas ministradas nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco. A partir destes encontros compartilhamos estratégias educativas ao planejar e executar a exposição coletiva *Tramações* ocorrida na Galeria Capibaribe/Recife, em 25 de maio a 22 de junho de 2016.

Nossos corpos tornaram-se poesia ao perguntarmos: como viver o feminino? Quais imaginários visuais ainda não foram construídos sobre ser mulher/ser homem? Como nos constituímos pedagogias culturais nas relações educativas? Como ativar potência política através do viver/fazer artístico? Como nossos corpos protagonizam espaços de resistência e de (auto)transformação?

Imersas em visualidades possíveis, *Tramações* colocou-nos em estado poético, fez transbordar afetos, rememorar acontecimentos destinados ao esquecimento, desordenar narrativas naturalizadas e mexer peças no jogo das políticas de representação. É, também, recorte da pesquisa narrativa a/r/tográfica “*Tramas na Formação de Professoras/es de Artes Visuais para Questões de Gênero e Sexualidades*” desenvolvida na Universidade Federal de Pernambuco, desde 2014, na perspectiva dos estudos da Cultura Visual, Gênero e Sexualidades.

Pistas autobiográficas de corpos que ensinam

Jaci, Karla, Bárbara, Natalia, Joanna, Xavana e Luana são artistas e professoras em formação que imergiram nos processos educativos e de investigação narrativa a/r/tográfica através do uso de seus próprios corpos como poética construída na relação com o outro – sendo outro. Denunciaram suas versões de realidade, contaram situações de violência de gênero, demonstraram que seus corpos não são somente recipientes da inscrição cultural e social (Foucault, 1984) e exerceram protagonismo na produção de narrativas possíveis.

Suas produções acessaram privilegiados pontos do sensível, pois foram práticas de reconfiguração subjetiva, despertando a imaginação e a memória de vivências pessoais que marcaram uma ressonância direta com o coletivo. Embora as narrativas se configurem como autobiográficas estas não foram histórias individuais, pois transbordaram a intimidade de outros sujeitos. Transformaram em público o biográfico,

o privado em conhecimento compartilhado, pois a arte, em suas mais variadas formas, “pode ser interpretada como uma prática de auto constituição de si, sobretudo na contemporaneidade, em que a tarefa do artista ganha contornos autobiográficos, como espaço de expressão de posições éticas, estéticas, políticas e também afetivas” (Tvardovskas, 2015: 47).

Entendendo seu corpo em potência poética, experiência vivida e pedagogia cultural (Perreira, 2013) Luana Andrade foi às ruas do centro de Recife para entregar/compartilhar panfletos/relatos de vida. Ela evidenciou histórias do cotidiano (Goffman, 1975) e laços culturais que atravessaram seu corpo, bem como as próprias amarras criadas/mantidas em sua subjetividade. “O que é ser mulher” foi a inquietação propulsora de seu estado de criação e os depoimentos de amigas e/ou conhecidas o ponto de partida para registrar situações de violência de gênero:

Tratei, inicialmente, de conversar com mulheres desconhecidas e amigas. Levava a seguinte pergunta: você já sofreu alguma violência por ser mulher? Atentei para o fato de que algumas respondiam que não e depois contavam algo que consideravam ordinário, pequeno para se enquadrar como resposta. Na verdade, o “pequeno” muito me interessava, revelando-me. Gravei, transcrevi essas falas e selecionei alguns trechos. Decidi veicular essas histórias na performance “Pequenas Agressões” (2016), através de uma panfletagem no centro da cidade.

Quis causar algum impacto, alguma quebra na rotina visual dos passantes. Então usei um vestido vermelho e venda nos olhos. A venda nos olhos teve o objetivo de democratizar ao máximo a distribuição dos panfletos. Sem enxergar absolutamente nada, apenas estendi a mão em gesto de oferecer o papel.

De fato criei uma imagem subjetiva e polissêmica, que incomodou e provocou a quem pegou o panfleto e a quem só observou. As pessoas se perguntavam o que eu estava fazendo, mas, principalmente se apropriaram daquela imagem para gerar concepções para si. Ouvi cantadas e deboches. Sugeriram-me que eu orasse. Também fui bastante ignorada. Experimentei sensações de vergonha, arrependimento por estar ali, ansiedade e principalmente medo de ser ofendida, atropelada, agredida de alguma forma. Estar exposta e “cega” em um lugar de grande fluxo de gente, onde normalmente tenho receio de andar sozinha, foi uma experiência também de autoconhecimento. Senti a ponte balançar sob os meus pés sabendo que ali embaixo passava um rio. Ouvi barulho de uma carroça e cavalos se aproximando cada vez mais. (Luana Andrade)

Outras maneiras de pensar as relações de gênero e sexualidades incentivaram “práticas de confissão” que, junto à produção poética e educativa, auxiliaram a organização das ideias e conscientização dos relacionamentos interpessoais, pois “as artes, então, criam, alimentam e fortificam possibilidades transformadoras de pesquisa e de docência” (Tourinho, 2013: 64). No caso deste grupo, altos preços foram pagos ao se transgredir as experiências dos corpos (Butler, 2003). Relacionamentos amorosos opressivos foram rompidos, filhas(os) já não foram educadas(os) da mesma forma e práticas pedagógicas não foram silenciadas nas salas de aula. Narrativas autobiográficas, apesar de centrais na produção destas obras, não garantiram liberdade ou superação, mas autoconhecimento.

A possibilidade de autoconhecimento foi fortificada pelo comprometimento das estudantes com os processos de pesquisa e com suas formações pedagógicas. Como artistas, transformaram a vida em poesia e desenvolveram sensibilidades estéticas com o outro. Como educadoras, se envolveram em investigações educacionais que as ajudaram a estudar assuntos, tópicos e conceitos que influenciam nas suas aprendizagens, assim como as maneiras de aprender a aprender (Irwin, 2013).

A criação da performance “Pelo toque” (2016) de Joanna Pontes surgiu como reelaboração narrativa de uma situação de violência sofrida na infância e como ação educativa durante as mediações na exposição Tramações. Ela entrou na Galeria, interrompeu uma roda de diálogos com um grupo de estudantes de licenciatura, despiu-se e aguardou que os visitantes fizessem de seu corpo um lambe-lambe com imagens e palavras associadas ao feminino. Sobre o momento da performance, disse:

Lancei sentimentos, desejos, emoções e questionamentos como uma projeção do inconsciente por meio de imagens e símbolos. Quis mexer no modo como enxergamos a nós mesmos, o outro, o meio que nos cerca e como se dão essas possíveis relações. Pensar, discutir, problematizar, sentir e questionar gênero, as relações de poder que o permeiam, as sexualidades que nos compõem, surgiu para mim como histórias que saem das folhas de um livro e ganham vida. Foi um misto de sensações que me acompanharam, ansiedade, preocupação, etc. Pensei que tirar a roupa na frente das pessoas seria a parte mais difícil, mas fui pega de surpresa quando isso não me deixou desconfortável. Observar-me rotulada como um objeto, ter o pescoço acorrentado e ver tanta gente ao meu redor mexeu comigo de tal maneira que, talvez em palavras, eu não possa expressar. Meus olhos se encheram de lágrimas e veio uma vontade de chorar. O jeito que eu olhava cada pessoa era repleto de revolta e de tristeza. Sou mulher, “branca”, cis, heterossexual e sinto na pele o machismo de cada dia. Mas, e as mulheres trans, negras e lésbicas? Neste dia, eu não saí a mesma pessoa. (Joanna Pontes)

As sete produções foram pensadas, projetadas e executadas no contexto de leituras, discussões e vivências de consciência corporal em sala de aula, sendo constantemente permeadas pelos questionamentos: nossas práticas artísticas e educativas constituem espaços de resistência? Como desencadear ações crítico reflexivas através de nossos próprios corpos?

As vivências poéticas construíram conhecimentos e promoveram transformações de si e daqueles que interagiram, participaram ou somente visitaram a exposição coletiva Tramações. Sabíamos que nossas produções poderiam ativar experiências reflexivas, mas esta não era uma condição inerente ao conjunto das obras. Por isso, elaboramos ações educativas com os objetivos de compreender: (a) as formas de poder e movimentos sociais minoritários (produções artísticas de mulheres, feministas e LGBTTT); (b) os marcadores sociais da diferença: sexualidades, corpo, raça, etnia e classe social; (c) os estudos queer e poéticas do corpo e; (d) as representações de gênero e sexualidades na contemporaneidade.

Entendíamos que a imersão de nossos corpos em práticas poéticas, bem como o registro de tais ações, provocaria aprendizagens colaborativas, constituindo-se pedagogias culturais porque estas “aspiram empossar as práticas educativas com a energia e eficácia das coisas vividas, tomando partido dos efeitos, usos e rumos que elas vão concebendo e projetando em nossas identidades e subjetividades” (Martins; Tourinho, 2014: 12).

Ao elaborarmos, planejarmos e montarmos a exposição Tramações também discutimos sobre como acontece o processo de ensino-aprendizagem, afinal, “alarga-se, com as pedagogias culturais, a consciência de onde, como e por que se aprende, pois elas enfatizam que, querendo ou não, continuamos aprendendo, independentemente do lugar onde estejamos, dos recursos que dispomos e manipulamos, das pessoas com as quais interagimos” (Martins; Tourinho, 2014: 12). Estávamos preocupadas “em trazer à tona nos encontros educativos possíveis realidades instaladas, porém, carentes, muitas vezes, de um exercício crítico e cravejado com nossas estabelecidas visões de mundo e de nós mesmos” (Martins; Tourinho, 2015: 33).

“Pelo toque” (2016), de Joanna Pontes e “Uma performance de gênero em construção” (2016), de Natália Barros, foram poéticas vividas e construídas com intenções político-pedagógicas, sendo elaboradas especialmente para o contexto de mediação educativa em Tramações. Considerando que o principal público da exposição foi constituído por estudantes de licenciaturas diversas e professoras(es) da educação básica e do ensino superior, ambas defenderam a presença de discussão sobre questões de gênero e sexualidades na formação acadêmica e profissional.

Natália Barros apresentou uma aula/performance na qual gênero transitava entre as polaridades do feminino e do masculino. Inicialmente, presenciávamos uma postura dita feminina e que procurava externar gestualmente todos os códigos e “trejeitos” de uma mulher. Pouco a pouco se revelou um “segundo estado”. Tronco desnudo, exceto pelas grossas fitas adesivas que, além de comprimir, ocultava o volume dos seios e uma cueca cobria o resto do corpo. “Adentrei no processo de performatividade pessoal, em um caminhar lento, fazendo e desfazendo os passos numa quase dança onde observei mãos, braços, pés...” (Natália Barros). A performance provocou diversos e silenciosos questionamentos e uma empatia significativa dos que ali estavam. Narrativa de rompimento? Corpos que ensinam e aprendem na sedução? Corpos em luta, ávidos pela transgressão? Quais as possíveis consequências de um corpo de mulher que escapa para o masculino?

Vestígios de intimidades reinventadas

Tornar-se outra, ainda que sendo a mesma. Perceber-se resistente e ampliar enunciados naturalizados. Os elementos narrativos e autobiográficos das poéticas de Jaci, Karla, Bárbara, Natalia, Joanna, Xavana e Luana não são apenas confissões individualistas, pois se inscrevem em zonas de força em uma trama coletiva na qual se registram heranças, se montam novos imaginários e se abrem possibilidades insistentes/irritantes/intimidadoras de reinvenção.

Desnudaram desejos, anseios, gritos e medos. Em comum, todas debateram atribuições sociais e culturais conferidas ao corpo feminino, permitindo conhecer que seus cotidianos estavam impregnados de desejos negados, renúncia de si para o cuidado do outro e restrições na ocupação de espaços públicos.

Construíram identidades surpreendentes e impressionantes de si mesmas, porque aspectos narrativos e autobiográficos, mesmo respondendo a diferentes propósitos e apresentando experiências peculiares, expressaram um desejo de escrever a vida e mergulhar na “arte como experiência vivida” (Dewey, 2010).

Outros dois pontos, fortemente implicados entre si, circunscreveram as produções: religiosidade e invisibilidades do prazer feminino. Os relatos de algumas experiências religiosas do grupo de estudantes apontavam críticas severas ao cristianismo, principalmente aquelas relacionadas à atribuição da culpa, submissão, vergonha e doação do feminino para com o outro – família e filhas(os). Os tabus e as ausências de visualidades sobre o prazer feminino, temáticas que geraram debates e curiosidades

em sala de aula, foram diversas vezes atrelados às práticas e ensinamentos religiosos com os quais conviveram em suas infâncias e adolescências. Considerando um universo amplo de imagens relacionadas ao prazer masculino, surgiram as seguintes indagações: como culpabilização e objetificação do corpo interferem na construção do prazer feminino? Quais invisibilidades permeiam as vivências da sexualidade?

Entendemos que diversos ensinamentos religiosos contribuem para a constituição de gênero e de sexualidades (Butler, 2001 e 2002) e que aprofundar o assunto, visibilizá-lo através da arte e proporcionar debates nas propostas educativas tornou-se atribuição do grupo durante Tramações. Por isso, um intenso diálogo foi proposto quando encontramos um bilhete anônimo deixado em uma das obras na exposição que, citando um trecho bíblico, dizia: “O mundo se perdeu!!! Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém. 1 COR 6.12”.

As produções destas artistas foram transgressoras no campo do imaginário e ressignificaram imagens da vida cotidiana e da experiência do feminino. Também demandaram ser entendidas como práticas culturais em negociação, confrontadas também por aspectos do inconsciente. Trataram o próprio corpo com carinho, delicadeza e força. Viveram as possibilidades de corpos em poesia: contágio, ocupação, propagação, profanação...

No vídeo performance “Ato Obsceno” (2016), Xavana Celesnah buscou entender como o corpo feminino – os seios – se tornaram cativos de determinações culturais e objeto de desejo do olhar masculino. Seios à mostra em uma praia brasileira causaram espanto e advertências de outras mulheres sobre a necessidade de cobri-los. Pecado, obscenidade e crime em consonância com a necessidade de ocultá-los.

Barbara Collier esmerou-se para trazer subjetividades à tona. A entrada na galeria com um vestido longo e vermelho despertou curiosidade, mas ninguém suspeitava o que viria a seguir. O vestido escondia/protegia um corpo pós cirurgia bariátrica, também marcado por subjugação sexual. Em movimentos lentos seus seios foram riscados por linhas de possíveis intervenções cirúrgicas plásticas, demarcando as expectativas de um corpo ávido pelo contato consigo mesmo. A performance “Vestido vermelho” (2016) alterou a “funcionalidade” do corpo, denunciando-se como objeto comercializável, produto em exibição e mutilado pelos padrões de beleza.

Nas palavras da artista:

Há 04 meses realizei uma cirurgia bariátrica, recuperei minha saúde e hoje tenho uma relação melhor - mais leve - com meu corpo. Porém, nem sempre foi assim. Fui uma adolescente muito atraente, me diziam isso e eu acreditava. Beleza e corpo torneado pela prática esportiva de 03 horas diárias não me trouxeram tantas coisas boas assim. Muita terapia e informação me fizeram perceber que os assédios que sofri não eram culpa minha. Muitos quilos depois e com a saúde debilitada, resolvi me libertar dessa "armadura" de gordura que protegia e aprisionava meu corpo - que me deixava fisicamente menos atraente, protegendo-me do assedio alheio.

Essa performance se caracterizou por um ritual de cura e de limpeza, onde encarnar esses estereótipos empoderou-me. Com um batom vermelho em punho comecei a riscar meu corpo, a princípio como quem marca os cortes de diversas cirurgias plásticas, posteriormente usei o batom como uma faca que corta e agride o corpo deixando suas marcas. A proposta era discutir esse "ideal de mulher" proposto pela sociedade consumista e machista. (Bárbara Collier)

As obras e seus processos apresentaram compromisso ético e estético de autotransformação, certa coragem da verdade e confronto direto com enunciados misóginos e de violência para com as mulheres. Jaci Borba, protagonizou o vídeo performance "Corte com/tensão" (2015), onde caminhou entre tesouras afiadas, facas e navalhas para enclausurar-se em uma caixa que protegia seu corpo, ao mesmo tempo em que, o aprisionava. A lentidão dos movimentos com/atraves de um vestido rosa e transparente revelaram situações de opressão e violência de gênero. A cada passo, recordações dos assédios sofridos nos ônibus, dos insultos homofóbicos e do medo de ser atacada ao caminhar pelas ruas com uma saia curta. Jaci Borba foi agredida verbalmente: "Machinho! Vem saber o que é homem! Olha o tamanho dela, só o meu 'pau' é do teu tamanho! É que ninguém 'comeu' direito!" Corpo paralisado, confusão, constrangimento e vergonha a emudeceram, por isso "Corte Com/Tensão veio sem a pretensão de explicar, só observar um humano e questionar elementos de sua trajetória ímpar. Tudo está aí, sobre o silêncio, o que talvez só se conforte no indizível, o que vai além da palavra escrita" (Jaci Borba).

Falar sobre o corpo feminino com estas artistas- não necessariamente sobre o corpo das mulheres - significou reconhecer os direitos conquistados por outras gerações, as heranças do colonialismo e a ainda atual e recorrente violência sexual. Hoje, há toda “uma geração de jovens artistas brasileiras cuja produção foi influenciada direta ou indiretamente pelas problemáticas de gênero. Ainda que não se intitulem feministas - desviando-se de qualquer fixidez identitária - muitas delas incorporam e discutem essas questões” (Tvardovskas, 2015: 81).

Criação de poéticas que “cortam com/tensão” algumas invisibilidades

Jaci, Karla, Bárbara, Natalia, Joanna, Xavana e Luana estão inseridas no contexto contemporâneo de intensas produções feministas que abordam “confissões”, rituais do “eu”, autorretratos não desejados e que denunciam práticas de violência física e simbólica contra as mulheres. Nas obras, detectaram invisibilidades, criticaram noções binárias do feminino e do masculino e armaram peças no jogo das políticas de representação (Costa, 2005). Ou seja, entraram na disputa pela narração de si, legitimando-se, afinal:

[...] quando alguém ou algo é descrito, explicado, em uma narrativa ou discurso, temos a linguagem produzindo uma “realidade”, instituindo algo como existente de qual ou tal forma. Neste caso, quem tem o poder de narrar o outro, dizendo como está constituído, como funciona, que atributos possui, é quem dá as cartas da representação, ou seja, é quem estabelece o que tem ou não tem estatuto de realidade (Costa, 2005: 42).

O conjunto das obras apresenta poética pós-feminista, pois não questiona o lugar de fala da mulher, ocupa-o. Um lugar já conquistado por gerações anteriores de artistas e ativistas que deixaram como legado alguns resultados dos confrontos diretos ao patriarcado, pois “a entrada massiva de mulheres no circuito artístico contemporâneo não deixa de ser um dos indícios da enorme transformação cultural advinda dos feminismos em nosso país” (Tvardovskas, 2015: 81).

As constantes lutas e empoderamentos travados pelos movimentos feministas desde as décadas de 80 e 90, na América Latina, transbordavam relatos de vida nas produções artísticas como ferramenta de emancipação. Rosana Paulino, Silvia Gai, Cristina Salgado, Ana Miguel são exemplos que deixaram marcas históricas para as gerações de artistas contemporâneas que, talvez, não sintam a necessidade de uma denominação/enquadramento feminista de suas obras ou que as pensem como

produções que transcendem e/ou ressignificam o movimento.

Hoje, questões de gênero e sexualidades apresentam outros tipos de embates sem desconsiderar as situações de opressão e violência a que muitas mulheres ainda estão submetidas. Repensam o feminismo entendendo que este é espaço de relações de poder que também podem gerar discursos que “aprisionam”. A mulher deixou de ser o principal sujeito do feminismo porque estes estudos abarcam aqueles e aquelas que vivem a feminilidade (Butler, 2002). Junto a isso, outros marcadores sociais da diferença ligados a questões geracionais, étnico-raciais, religiosas, psicológicas e espirituais são questionados por suas negligências, silenciamentos e possibilidades.

As fotografias de Karla Gonçalves refutam a correspondência mulher/feminilidade, privilegiando o ser/estar/viver o feminino e permitindo-nos imaginar um futuro no qual os preconceitos e as discriminações de gênero e sexualidades estejam superados. Em “Antes da Mulher” (2015) a artista apresentou uma experiência do feminino através da reflexão e construção de imagens que partem de um tesouro pessoal: seu próprio corpo na relação com um álbum de fotos de desconhecidos, protegidos pelo arquivamento da mãe. Não se sabe a história de cada pessoa retratada, mas, de alguma maneira, estes homens produziram sentidos sobre como ela vive o feminino.

As fotografias agregaram memórias do lar e do corpo cruzadas com suas experiências em contexto amplificado. Karla realizou o “exercício do espelho” e passou a se enxergar nos outros. Discutiu a construção do feminino e sua imersão na convivência social, ao mesmo tempo em que protagonizou a configuração de uma “subjetividade nômade feminina” (Braidotti, 2002).

As memórias femininas, fortemente ligadas às vivências em âmbito privado, adquiriram marcas críticas e de empoderamento cultural quando Karla entendeu/reinterpretou alguns aspectos de suas relações familiares. Os bastidores das fotografias carregam a força de uma denúncia social que revigora a problematização do corpo feminino objetificado. Também demonstram a força das experiências pessoais como fonte de conhecimento, desmontam binarismos entre público-privado, trazem à tona a queda de um ideal de masculinidade e de feminilidade.

Enxergando-se no heroísmo da(o) outra(o) as poéticas das artistas falam sobre muitas de nós, por isso, tornaram-se ferramenta política na busca de rupturas. Coubesempre perguntar: o que Tramações disse de mim/nós?

As produções destas jovens artistas/professoras/pesquisadoras também atuaram na contramão da invisibilidade das mulheres nas artes visuais (Telles, 2008; Rago, 2013). Ou seja, Tramações registrou as ressignificações e mudanças destas mulheres,

legitimou seus protagonismos no cenário artístico e criou visualidades sobre uma grande quantidade de facetas do feminino.

A fotografia de família faz parte do meu processo criativo porque ela aciona estados de percepção que estão além da visualização mental de uma memória. Ela me transporta para os cenários, ela me ativa sensorialmente para uma intuição criativa permeada por cheiros, gostos, sensações que marcaram a minha infância.

O corpo perfeito, alimentado e mediado pelos meios de comunicação, discursos religiosos e outros artefatos culturais, domam, pressionam e atingem o psicológico feminino em todas as brechas possíveis. Compreendi, portanto, que o processo de aceitação do meu corpo com suas marcas, unicidade, seria uma constante a ser trabalhada de fora para dentro.

Descobri que as raízes que procurava expor eram mais palpáveis do que pensava, pois não pairavam num imaginário abstrato, mas se encontravam na forma de fotografias que descansavam no álbum herdado por minha mãe, que data origem no início do século passado. Em suas páginas, pude entrar em contato com rostos de pessoas desconhecidas, em sua maioria de homens cujas procedências, nomes e histórias tornaram-se perdidos nas gerações pelas quais o álbum passou.

Foi assim que me senti diante dos olhares desconhecidos, atrevidos e dispostos sem explicações maiores nas fotografias: divaguei em elucubrações que me referenciavam apenas o peso intensificado de geração em geração, na importância descabida de prevalecer histórias não contadas, por um fetiche compartilhado culturalmente por aqueles que já foram donos desse álbum.

Nesse sentido, reflito sobre os incômodos causados ao observar as fotografias. Logo, compreendo que derivam do inconsciente, que alertam para a necessidade de uma autoanálise: será que o peso que sinto ao observar tais imagens provém do fato de que, além das imagens guardadas, temos nós, mulheres, nos confinado a deter e dar cabo à perpetuação das histórias que nos fazem reféns de tabus sociais? Existe uma contribuição desses homens que, meros desconhecidos, intervêm de forma tão forte a ditar e fazer prevalecer um discurso que põe em voga a cartilha explicativa sobre como ser mulher, em corpo e em mente? (Karla Gonçalves)



Figura 22. “O mundo se perdeu!!!”

O que esteve em pauta na elaboração, produção e execução das obras foi, em primeira instância, pensá-las em seu caráter educativo, considerá-las pedagogias culturais ao incitar o debate – por vezes repulsa e indignação – daqueles que visitaram a exposição ou que passaram pelos corredores. Considerando o trânsito de um grande número de estudantes das mais diferenciadas licenciaturas, buscamos visibilidades às práticas artísticas feministas contemporâneas que visam à autotransformação, a desconstrução de narrativas autoritárias e misóginas sobre os corpos femininos.

O grupo deu forma a um projeto colaborativo que visou atender/corresponder/responder a necessidades do nosso contexto de formação docente, tendo a finalidade de transformar situações de conflito mediante aprendizagens contínuas dos sujeitos implicados.

Tramações visibilizou outras maneiras de se viver o feminino, deslocou a trama feminista para além do sujeito mulher (Butler, 2003), denunciou violência de gênero e legitimou a necessidade de uma formação pedagógica e profissional voltada para a diversidade.

No entanto, a exposição coletiva também provocou críticas que foram acolhidas e pensadas no período de avaliação do percurso. As sete artistas participaram do âmbito acadêmico e transitaram por uma classe social e intelectual privilegiada, incitando algumas perguntas: quais feminilidades ficaram ausentes ou a margem do conhecimento legitimado? Onde estavam outras produtoras de poéticas do corpo? Quais sentidos do feminino produzidos na periferia ou em zonas afastadas das grandes cidades e/ou da universidade?

Ao mesmo tempo, o bilhete “o mundo se perdeu!!! Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém. 1 COR 6.12”, deixado em uma de nossas obras (Fig. 21), provocou perguntas: será que nossas “versões de realidade” estavam sendo impostas aquelas(es) que visitavam a exposição ou até mesmo ao grupo proponente? Como nossos “empoderamentos” poderiam, também, tornarem-se discursos repressivos e excludentes? O quanto também estávamos presas em narrativas colonialistas sobre fazer arte e viver o feminino? Nossas práticas educativas e trabalho de mediação durante a exposição veicularam discursos afirmativos, autoritários ou de desconstrução?

“O ato pedagógico é um acontecimento imprevisível, é uma performance em suspensão. A aprendizagem já não se produz no plano do previsível/planificável ou sobre noções já preestabelecidas” (Rodrigo; Collados, 2014: 27). Por isso, o maior desafio ao finalizar as ações foi repensar os impactos e objetivos alcançados e acolher as diferentes maneiras de ver/viver/sentir o mundo. Nossas ações provocaram e desestabilizaram posicionamentos – principalmente do próprio grupo envolvido – ao mesmo tempo em que fomos encorajados a perceber a riqueza das múltiplas maneiras de se viver gênero e sexualidades.

Referências

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

_____. Cuerpos que importam: sobre los límites materiales y discursivos del ‘sexo’. Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____. El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad. Ed. Paidós: Barcelona, 2001.

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. In: Labrys, Estudos Feministas (revista virtual). Trad. Roberta Barbosa. n. 1-2, jul. / dez. p. 1-18, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber. O currículo nos limiares do contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DEWEY, John. Arte como Experiência. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1975.

IRWIN, Rita. A/r/tografia. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Orgs.). Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria: Editora UFSM, p. 27-35, 2013.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Entre percalços e desejos: sobre a insurgência e possibilidades das pedagogias culturais. Textura, Canoas, v. 17 n. 34, p. 32-47, mai./ago. 2015.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Investindo no potencial das Pedagogias Culturais. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). Pedagogias Culturais. Santa Maria: Editora UFSM, p. 11-14, 2014.

PERREIRA, Marcelo de Andrade. Performance docente: sentidos e implicações pedagógicas. In: PERREIRA, Marcelo de Andrade (Org.). Performance e educação: (des)territorializações pedagógicas. Santa Maria: Editora UFSM, p. 23- 35, 2013.

RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

RODRIGO, Javier; COLLADOS, Antônio. Enredando-nos dentro e fora das pedagogias: paradoxos e desafios das políticas e Pedagogias Culturais. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). Pedagogias Culturais. Santa Maria: Editora UFSM, p. 19-44, 2014.

TELLES, Norma. De bruxas e feiticeiras. In: FUNARI, Pedro; RAGO, Margareth (Orgs.). Subjetividades antigas e Modernas. São Paulo: Annablume, 2008.

TOURINHO, Irene. Metodologia(s) de pesquisa em arte-educação: o que está (como vejo) em jogo? In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Orgs.). Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria: Editora UFSM, p.63-70, 2013.

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. Dramatização dos corpos: arte contemporânea de mulheres no Brasil e na Argentina. São Paulo: Editora Intermeios, 2015.

Luciana Borre é Professora Adjunta e coordenadora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco. Professora e vice-coordenadora no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. É doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG). Escreveu os livros: “Cultura Visual tramando gênero e sexualidades na escola” e “As Imagens que Invadem as Salas de Aula: reflexões sobre Cultura Visual”.